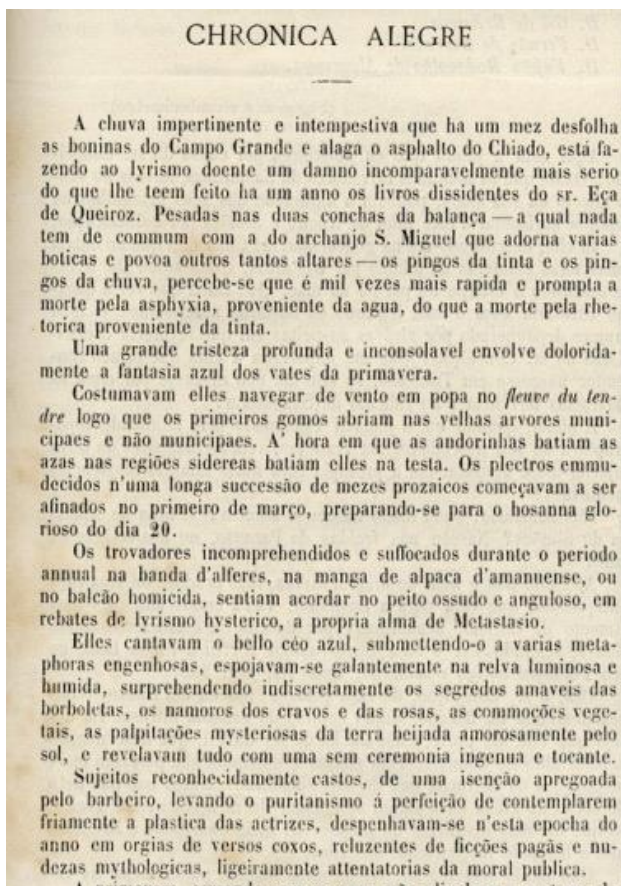




RIBALTAS E GAMBIARRAS
 REDACTORA
 GUIOMAR TORREZÃO
 REVISTA SEMANAL
 1ª SERIE
 LISBOA, 9 DE 1881
 NUMERO 18
 HENRIQUE ZEGERINO
 ABRIL DE 1881



CHRONICA ALEGRE

A chuva impertinente e intempestiva que ha mez desfolha as boninas do Calpo Grande e alaga o asphalto do Chiado, está fazendo ao lyrismo doente um damno incomparavelmente mais serio de Queiroz. Pesadas nas 'luas conchas da balança — a qual nada tem de commum com a do archanjo S. Miguel que adorna varias boticas e povoa outros tantos altares — os pingos da tinta e os pingos da chuva, percebe-se que mil vezes mais rapida e prompta a morte pela asphyxia, proveniente da agua, do que a morte pela rhetorica proveniente da tinta,

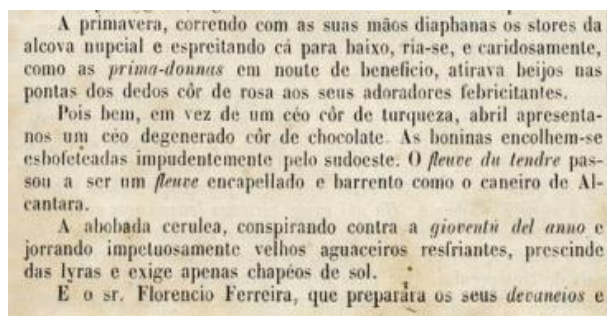
Uma grande tristeza profunda e inconsolavel envolve doloridamente a fantasia azul dos vates da primavera.

Costumavam elles navegar de vento em popa no lente du len-eipaes e não municipaes. A' lma em que as andorinhas batiam as azas nas regiões sidereas baliavam elles na testa. Os plectros emmndecidos n'uma longa successão de mezes prozaicos começavam a ser afinados no primeiro de março, preparando-se para o hosanna glorioso do dia 20.

Os trovadores incompreendidos e sulloeados durante o periodo annual na banda d'alferes, na manga de alpaca d'arnanuense, ou no balcão 1101nicida, sentiam acordar no peito ossudo e anguloso, em rebates de lyrisimo hysterico, a propria alma de Metastasio.

Elles eantavam o cén azul, a varias metaphoras engenhosas, espojavam-se galantemente na relva lunlinusa e liulllida, surprehendendo indiscretamente os segredos mnaveis das borboletas, os namoros dos Cravos e das rosas, as vegetais, as palpilações mysteriosas (la terra beijada amorosamente pelu sol, e revelavam ludo com uma sen) ceremnnia ingenua e tocante.

Sujeitos reconhecidamente eastms, de uma isenção apregoada pelo lEirbeiro, levando o puritanismo perfeito•ão de contemplarem frimmente a plastica actrizes, despenhavmn-se n'esla do auno enl orgias de versos COXOS, reluzentes de ficções pagás e n, dezaz myllilJlogicas, ligeiramente attenlatorias da moral publica.



A primavera, com as suas 'nãos diaphanas os stores da alcova nupcial e espreitando cá para baixo, ria-se, e caridosamente, como as em noute de benelicin, atirava beijos nas pontas dos dedos cõr de rosa aos seus adoradures febricitantes. Pois liei", em vez de lIm cõr de turqueza, abril apresentanos uni degenerado de ehneolatev As boninas eneolhem•se esl'f'letl•adas impudentemente, pelo sudoeste. O fleure d" tendre passou a ser 11m e barrento como o caneiro de Alcantara _
 A abobada cerulea, conspirando contra a gioventu del anno e jorrando impetuosamente velhos aguaceiros resfriantes, prescinde das lyras e exige apenas chapéos de sol.
 E o sr. Florencio Ferreira, que preparata os seus devaneios e

das lyras e exige apenas chapéos de sol.
E o Sr. Florenciu Ferreira, que prepatata os seus decaneios e

compozera os seus delirios, retira-se desconsoladamente, indo guardar á pressa o alaude, desafinado pela baixa da temperatura, e renunciando, por agora, á tunica orpheonica, que elle tencionava vestir, voltou ao frack, que elle já despira.

A estrophe lyrica, annullada pela deserção inesperada da primavera, substituiu-se n'estes ultimos dias pela phrase banal.

Ora entre um trovador que revira os olhos para a lua e faz versos ás mariposas e um rabiscador que reproduz um phrase sedica, e faz trocadilhos, é difficil a escolha.

Oh! céos, livrae-nos de ambos!

Ultimamente, na camara alta, um par do reino soltou uma locução infeliz.

Essa locução espremida e torcida, tomando a elasticidade da gutta-percha, tem rufado impertinentemente aos nossos ouvidos estafados, desde o Himalaya do artigo de fundo politico até ao rez do chão do artiguinho ameno, chegando á hora que escrevemos ao apuro extremo de fornecer um livro e uma comedia.

Curvando-me aos pés do sr. bispo de Vizeu supplico a Sua Reverendissima que me deite a sua benção episcopal, para beneficio da minha alma, pedindo-lhe ao mesmo tempo reverentemente que me poupe as suas locuções para desafogo dos meus ouvidos.

Os cantores de S. Carlos despediram-se de nós com um bello concerto executado no salão nobre do real theatro de S. Carlos, no primeiro domingo de abril.

Este salão nobre do theatro lyrico, onde vibrou a grande voz dramatica, banhada de uma estranha melodia ideal e etherea, da cantora Borghi-Mamo, é um quarto sujo e sombrio como uma caserna. Nas paredes humidas alastram-se nodoas viscosas e espalham-se remendos de papeis variados, de um pittoresco curioso e pelintra.

Sobre um estrado tapetado... de serapilheira e orlado de paninho roxo, apresentando o aspecto ridiculo de um throno de Santo Antonio, erguia-se um piano rouco e senil.

Alguns francezes e dois ou tres inglezes assistiam ao concerto, formando de certo o mais lisongeiro de todos os conceitos ácerca da comprehensão esthetica e sentimento artistico de uma empresa que permite que se reunam em uma espelunca, que se chama o salão nobre do real theatro de S. Carlos, um grupo de cantoras distinctas, como Borghi-Mamo, Torresella e Synnerberg, e um grupo de senhoras honestas.

compozera os seus delirias, retira-se desconsoladamente, indo guardar á pressa o alaude, desafinado pela baixa da temperatura, e renunciando. por agora, á tunica orpheonia, que ene tencionava vestir, voltou ao frack, que elic já despira.

A esrophe amtullada pela deserção inesperada da primavera, substituiu-se n'estes ultimos dias pela pluraze banal.

os ás mariposas e rabiscador que reproduz um phrase sedica, e faz trocadilhos, é dilcil a escolha,

Oh! céos, livrar-nos de ambos:

Ultimamente, na camara alta, um par do reino soltou uma locu-infeliz.

Essa locução espremida e torcida, tomando a elasticidade da gutta-percha, tem rufado impertinentemente aos nossos ouvidos estafados, desde o lliallalaya do artigo de fundo politico até ao rez do clião (lo artiguinho ameno, chegando 'i hora que escrevemos ao apuro extremo de fornecer uni ll vro c uma comedia.

Curvando-me aos pés do Sr. bispo de Vizetr supplico a Sua Reverendissima que mc deite a sua bentão episcopal, para beneficio da minha alma, pedindo-lhe ao mesmo tempo reverentemente que me poupe as suas locuções para desafogo dos meus ouvidos.

Os cantores de S, Carlos despediranl-se de nós com um hello concerto cseculado no salão nobre real theatro de S, Carlos, no primeiro domingo de abril.

Este salão nobre do lheatro lyrico, onde vibrou a grande voz dramatiew, banhada de uma estranha melodia ideal e etherea, da C%lnlora Borghi-Mamo, é quarto e sombrio como uma ea-selutra. Nas paredes lunnidas alaslralll-se nodoas viscosas e espal-

pelintra.

de serapilheira e. Orlado de pa-

Sobre um estrado uipetado.

ninhn l'fAO, apresentando o aspecto ridiculo de um tlwon0 de Santo Antonin, erguia-se um piano rouco e senil.

Alguns franeezes e dois ou treg inglezes assistiam ao concerto, formandn de certo o mais lisongeiro de todos Os conceitos ácerca da comprel:nsão esthetica e senti-nenlo artistico de uma empresa que permitir que sc reunalll em uma espelunca, que se ehama o salão nobre do real theatro de S. Carlos, um grupo de cantoras distinctas, como Borghi-Mamo, Torresella e Synnerberg, e um grupo de senhoras honestas.

Será lieito talvez pedir áquellas artistas e rogar a estas senhoras que concorram o seu obolo a favor de uma subscrição-sinha destinada (i compra de quatro ou seis peças de papel e outras tantas peças de alealifa para lavar a cara do salão nobre do real ltheatro de S. Carlos. ofereceremos emprega em descon-to (10s nossos peceadog e para preservativo dos nossos vestidos.

Será licito talvez pedir áquellas artistas e rogar a estas senhoras que concorram com o seu obolo a favor de uma subscrição-sinha destinada á compra de quatro ou seis peças de papel e outras tantas peças de alcetifa para lavar a cara do salão nobre do real theatro de S. Carlos, as quaes offereceremos á empresa em desconto dos nossos peccados e para preservativo dos nossos vestidos.



RIBALTAS E GAMBIARRAS
REDACTORA
CJV/OM,IR TORREZIO
REVISTB
1.' SERIE
LISBOA, 23 DE
SEMANAL
MINERO 21
GERENTE

Ha dias, n'este mesmo lugar onde venho hebdomadariamente demonstrar aos leitores que a letra redonda não é uma invenção inofensiva, visto que obriga a perpetrar uma semsaboria semanal, referindo-me á primavera que anda a jogar ás escondidas nas campinas do coo, espancada pelo sr. colo e bisnagrada pela trocista da chuva, eu lamentava sinceramente condoida a sorte infausta dos trovadores que a namoram platonicamente, como Petrarcha namorou Laura, sem que ella lhes sorria como Laura sorria ao poeta dos sonetos translucidos.

Eu chorava sobre a lyra partida do sr. Florencio e seguia com um longo olhar saudoso e triste a debandada dos vates, afugentados, como uma revoada de pombos, pelo chicote poeticida do furacão, recolhendo humilhados as odes á medida que rebentavam os aguaceiros.

Esquecera, porém, o meu cego egoismo, réo de uma parcialidade suspeita a favor dos trovadores desilludidos, outra angustia não menos dolorosa, a dos toireiros logrados.

Nada iguala n'estes formosos dias, por enquanto hypotheticos, n'essas bellas tardes meridionaes, rutilantes de um bom sol ardente e effusivo, que ha 2 mezes andamos inutilmente a pedir ao calendario mentiroso e ao ceo inflexivel, a importancia assumida pelo boi na mentalidade lisbonense.

O boi que sacrifica obscuramente a vida para alimentar, cortado em bifes, a nossa voracidade insaciavel, contentando-se, durante a maior parte do anno, em ser uma pobre rez humilde, abatida no Mata-douro e absorvida pelo estomago nacional, passa nos mezes em que os rosaes desabrocham, estrellados de borboletas, e os lyrios afagam com os seus pennachos brancos e roixos os favaes cobertos de flores, a ser um personagem.

Arrancado ao encanto da leziria, e á contemplação bucolica da pastagem macia e tenra, por onde elle divaga serenamente, fitando o céu que se dilata amplamente na larga extensão da *steppe* e mastigando o feno aromatico, o toiro passa violentamente do estado de selvagem, isolado na leziria, ao estado *fashion* de viajante illustre, esperado na sua passagem ovante pela fina flôr da fidalguia e pela flôr do peccado, polvilhada de *reloutine*, com uma pequenina serpente de bistré no olhar *foncé*, — a mesma que fez o eterno desespero de Lais, — e uma cauda insolente de rendas caras e setins molles.

Imagine-se o espanto de um pobre boi habituado á sociedade exclusiva dos campinos, vendo-se de repente introduzido na camada velludosa d'esta sociedade entrefina, prodiga de perspectivas variadas e de seducções irresistiveis... na area do Campo Pequeno á Calçada de Carriche !

Para os que conhecem o attractivo excepcional de uma toirada, a unica festa verdadeiramente popular de toda a Peninsula, para os que avaliam a delicia incomparavel de uma *espera de toiros*, apenas ligeiramente perturbada ás vezes por algumas cabeças que se quebram e alguns braços que se desmancham, é inutil descrever o desespero profundo que punge os *aficionados* perante esta chuva attentatoria das imunidades tauromachicas e em presença d'este inverno intempestivo, não previsto pela expectativa marialva.

A primavera, porém, que não vingaram enternecer os prantos dos lyricos, parece que vac finalmente baixar á terra seduzida pelo garbo do sr. Mourisca.

A tout seigneur tout honneur !

G. T.

11a dias, n'cstc mesmo lugar onde venho hebdomadariamente (lemonstrar aos leitores que a letra redonda não é uma invenção inofensiva, visto que obriga a perpetrar tlna seinsaboria semanal, referindo-me á primavera que anda a jogar ás escondidas nas campinas do coo, espancada pelo sr. colo c bisnagrada pela trocista da chuva, ctl lamentava sinceralllente condoida a sorte infausta dos trovadores que a namoranl platonicamente, cotuo Petrarcha namorou Laura, sem (lite clia lhes sorria como Laura sorria ao poeta dos sonetos translucidos.

Eu chorava sobre a lyra partida do sr. Florencio e seguia com um longo olhar saudoso e triste a debandada dos vales, afugentados, como uma revoada de ponlbos, pelo chicote poeticida do furacão, recolhendo hunlilhados as odes á medida que rebentavam os aguaceiros.

Esquecera, porém, o meti cego egois:no, réo de uma parcialidade suspeita a favor dos trovadores desilludidos, outra angustia não menos dolorosa, a dos toireiros logrados.

Nada iguala n'csles formosos dias, por cmquanto hypotheticos, n'essas bellas tardes meridionaes, rutilantes de um bom sol ardente e efi'usivo, que ha 2 mezes andamos inutilmente a pedir ao calendario lmentiroso e ao ceo inflexivel, a importancia assumida pelo boi na mentalidade lisbonense.

O boi que sacrifica obscuratncntc a vida para alimentar, cortado em bifes, a nossa voracidade insaciavel, contentando-se, durante a maior parte do anno, em ser uma pobre rcz humilde, abatida no Mata-douro c absorvida pelo estomago nacional, passa nos mezes em que os rosaes desabrochmn, estrellados dc borboletas, e os lyrios afagam com os seus pennachos brancos e roixos os favaes cobertos de flores, a ser tlin personagem.

Arrancado ao encanto da leziria, e á contemplação bucolica da pastagem macia c tenra, por onde elle divaga serenamente, fitando o céu que se dilata amplamente na larga extensão da *steppe* e mastigando o feno aromatico, o toiro passa violentamente do estado de selvagem, isolado na leziria, ao estado *fashion* dc viajante ilhtstre, esperado na sua passagem ovante pela lina tlÔr da fidalguia e pela flôr do peccado, polvilhada de *reloutine*, com uma pequenina serpente de bistré no olhar mesma que fez o eterno desespero de Lais, — e uma catida insolente de rendas caras c scstins molICS.

Imagine-se o espanto de um pobre boi habituado á sociedade exclusiva dos campinos, vendo-se dc repente introduzido na camada velludosa (l'esta sociedade entrefina, prodiga dc perspectivas variana area do C,mnpo Pequeno á Calçada dc Carriche !

Para os que conhecem o attractivo excepcional de uma toirada, a unica festa verdadeiramente popular de toda a Peninsula, para os que avaliam a delicia incomparavel de uma *espera de toiros*, apenas ligeirmnente perturbada ás vezes por algumas cabeças que se quebram e alguns braços que se desmancham, é inutil descrever o descspro profundo que punge os- aficionados perante esta chtlva attentatoria das imunidades tauromachicas e em presença d'estc inverno intempestivo, não previsto pela expectativa marialva. primavera, porém, que não vingaram enternecer os prantos dos lyricos, parece que vac finalmcnte baixar á terra seduzida pelo garbo do sr. Mourisca.

tout seigneur tout honneur !

É uma reputação litteraria de ha muito feita. Não pôde já

É uma reputação litteraria de ha muito feita. Não póde já-mais ser abalada, embora se pretendesse para esse fim empregar todos os meios, mesmo os mais justos que parecessem, por que todas as deducções se iriam desfazer de encontro ás produções do insigne escriptor.

Camillo Castello Branco, é uma das mais esplendidas glorias da moderna litteratura portugueza; e esta asserção é incontestavel.

Desde o norte ao sul, desde o este ao oeste, quer em Portugal, quer no imperio do Brazil, que aquelle nome é conhecido.

Em uma viagem que ha annos fizemos ao interior da provincia do Rio de Janeiro, fomos encontrar em casa de um fazendeiro, na Ponte Nova, cerca de cento e trinta leguas distante da capital, algumas obras do notavel romancista, que até ali tinha sinceros e cultos admiradores da sua alta intelligencia.

Fallaram-me d'elle com extremos de louvor, assim como me fallaram de Herculano, de Garrett e de outros; e o meu coração de portuguez rejubilava-se ao ouvir pronunciar por brasileiros, com credito para o meu paiz, os nomes de seus homens illustres.

Mas este nome tão popular e tão respeitado como mestre, não impede que outros ahi se levantem a merecer tambem cordas de louros; nem deve a gloria de uns canzar invejas a estes ou áquelles, porque o mundo é vasto e ha n'elle lugar para todos.

Assim como os meritos litterarios de Herculano não podem offuscar os de Garrett, tambem os de Camillo Castello Branco não podem desmerecer os que venham depois, quando adquiridos por um talento provado pelas suas esplendidas manifestações.

Mas para se adquirir um nome como o do escriptor de que fallamos, é preciso possuir uma intelligencia como a d'elle, ter compilado muitos livros, ter estudado as gerações extinctas á luz das tendencias das suas epochas, do seu modo de viver, do seu querer e das suas aspirações, e possuir um conhecimento profundo do coração humano, e todos estes requisitos possuiu em alto grau Camillo Castello Branco.

E a prova d'isto está nos seus livros, onde claramente se revelam os dotes do grande escriptor, e onde a par da elegancia da phrase está o judicioso dos conceitos.

Mas para se adquirir uma reputação igual á de Camillo, não basta publicar um livro, escrever um folhetim e fazer uns versos, isso póde apenas indicar-nos que o seu auctor mostra intelligencia e que póde, ou não, alcançar no futuro um nome distincto na republica das letras; é preciso, para se obter um grande nome, alem dos requisitos que acima fallámos, que volvam tambem annos, durante os quaes o escriptor nos mostre a vastidão do seu talento nos quadros que nos descrever, e o muito que tem estudado e pensado.

Bem sei que hasta muitas vezes um livro, para que o seu auctor obtenha um triumpho, e um nome illustre entre os seus e até entre os estranhos, mas para isso, é preciso que a obra publicada seja como uma *Historia de Portugal* de Alexandre Herculano, ou um *Frei Luiz de Souza*, de Garrett.

Ainda assim, observaremos. Para que estes dous ultimos escriptores publicassem as obras que d'elles acabamos de citar, o que não escreveram em antes!

Pois para que se possa laurear um auctor, basta que elle nos dê uns versos, embora elegantes, bem medidos, ou uma obra bem escripta?

Pois poderemos comparar, apezar da sua vastidão, o templo de S. Domingos de Lisboa, com a igreja dos Jeronymos em Belem, ou

É uma reputação litteraria de ha muito feita. Não póde já-mais ser abalada, embora se pretendesse para esse fim empregar todos os meios, mesmo os mais justos que parecessem, por (lite todas as deducções se iriam desfazer de encontro ás produções do insigne escriptor.

Camillo Castello Branco, é uma das mais esplendidas glorias da moderna litteratura portugueza; e esta asserção é incontestavel.

Desde o norte ao sul, desde o este ao oeste, quer em Portugal, quer no imperio do Brazil, que aquelle nome é conhecido.

Em uma viagem!!! que ha annos fizemos ao interior da provincia do Rio de Janeiro, fomos encontrar em casa de um fazendeiro, na Ponte Nova, cerca de cento e trinta leguas distante da capital,

algumas obras do notavel romancista, que até ali tinha sinceros e cultos admiradores da sua alta intelligencia.

Fallaram-me d'elle com extremos de louvor, assim como me fallaram de Herculano, de Garrett e de outros; e o meu coração de portuguez rejubilava-se ao ouvir pronunciar por brasileiros, com credito para o meu paiz, os nomes de seus homens illustres.

Mas este nome tão popular e tão respeitado como mestre, não impede que outros ahi se levantem a merecer tambem cordas de louros; nem deve a gloria de uns canzar invejas a estes ou áquelles, porque o mundo é vasto e ha n'elle lugar para todos.

Assim como os meritos litterarios de Herculano não podem offuscar os de Garrett, tambem os de Camillo Castello Branco não podem desmerecer os que venham depois, quando adquiridos por um talento provado pelas suas esplendidas manifestações.

Mas para se adquirir um nome como o do escriptor de que fallamos, é preciso possuir uma intelligencia como a d'elle, ter compilado muitos livros, ter estudado as gerações extinctas á luz das tendencias das suas epochas, do seu modo de viver, do seu querer e das suas aspirações, e possuir um conhecimento profundo do coração humano, e todos estes requisitos possuiu em alto grau Camillo Castello Branco.

E a prova d'isto está nos seus livros, onde claramente se revelam os dotes do grande escriptor, e onde a par da elegancia da phrase está o judicioso dos conceitos.

basta publicar um livro, escrever um folhetim e fazer uns versos, isso póde apenas indicar-nos que o seu auctor mostra intelligencia e que póde, ou não, alcançar no futuro um nome distincto na republica das letras; é preciso, para se obter um grande nome, além dos requisitos (lite acima fallámos, que volvam tambem annos, durante os quaes o escriptor nos mostre a vastidão do seu talento nos quadros que nos descrever, e o muito que tem estudado e pensado.

Bem sei que basta muitas vezes um livro, para que o seu auctor obtenha um triumpho, e um nome illustre entre os seus e até entre os estranhos, mas para isso, é preciso que a obra publicada seja como uma *Historia de Portugal* de Alexandre Herculano, ou um *Frei Luiz de Souza*, de Garrett.

Ainda assim, observaremos. Para que estes (dous ultimos escriptores publicassem as obras que d'elles acabamos de citar, o que não escreveram em antes!

Pois para que se possa laurear um auctor, basta que elle nos dê uns versos, embora elegantes, bem medidos, ou uma obra bem escripta?

Pois poderemos comparar, apezar da sua vastidão, o templo de S. Domingos de Lisboa, com a igreja dos Jeronymos em Belem, ou

com a da Batalha, onde os capiteis, os fustes e as columnas são como os canticos divinos de um poema immortal, como os Luzia-

com a da Batalha, onde os capiteis, os fustes e as columnas são como os canticos divinos de um poema immortal, como os Luzia-

com a da Batalha, onde os capiteis, os fustes e as columnas são como os canticos divinos de um poema immortal, como os Luziadas?

Não, de certo.

O architecto de S. Domingos de Lisboa, provou-nos apenas, que tinha talento para umas obras que assombrassem pela vastidão; mas o de Belem e o da Batalha, disseram-nos que eram uns genios, umas aguias, ou antes uns poetas, cujas estrophes ficaram gravadas no marmore dos templos altivos, e grandiosos que nos deixaram.

Camillo Castello Branco, apenas com os seus *Mysterios de Lisboa*, elevar-se-hia ao lugar que hoje occupa na litteratura nacional?

Não, nem o grande escriptor teria essa pretensão; mas poderia tel-a, a nosso vêr, com o seu *Amor de perdição*, com as *Memorias do carcere*, *Onde está a felicidade* e outras produções do seu esplendido genio litterario.

Póde haver quem um dia, na feição pronunciada do seu talento, se lhe possa comparar, mas levar-lhe a palma, pensamos que não, e com nosco muita gente sensata, que embora não passe ao papel as impressões da sua alma, tem comtudo o gosto do bello na arte, e na litteratura.

Presentemente não vemos surgir no nosso horizonte litterario, quem possa hombricar com Camillo Castello Branco. Já dissemos que cada escriptor tem a sua feição litteraria.

O que deixamos escripto, foi ditado pelo nosso sentir, e pela admiração das obras do grande escriptor.

Não vae este modesto escripto engrandecer o notavel romanista, que não precisa elle dos louvores de quem, nem sequer tem a satisfação de o conhecer pessoalmente.

No meio da obscuridade em que vivemos, e que nos apraz, no meio da nossa independencia litteraria, porque escrevemos apenas para desaffogo do espirito, quizemos prestar este modestissimo preito ao elevado talento de Camillo Castello Branco, como já por mais de uma vez temos feito, embora em mal traçadas linhas, a alguns dos nossos distinctos homens de letras, que honram o paiz, que foi tambem o nosso berço.

SOARES ROMEO JUNIOR.

com a da Batalha, onde os capiteis, os fustes e as columnas são como os canticos divinos de um poema immortal, os Luziadas?

Não, de certo.

O architecto de S. I)0111ingos de Lisboa, provou-nos apenas, que tinha talento para tunas obras que assombrassem pela vastidão; mas o de Belem e o da Batalha, disseram-nos que eram uns genios, unias aguias, 011 antes uns poetas, cujas estrophcs licaralil gravadas no marjnore dos tmnplos altivos, e grandiosos que nos deixaram.

Caniillo Caslello Branco, apenas conl os seus Myslerios de Lisboa, elevar-se-hia ao lugar que hoje occupa na litteratura nacional?

Não, nem o grande escriptor teria essa pretensão; 111as poderia tel-a, a nosso vêr, conl o seu Amor de perdição, co:n a: *Memorias do carcere*, *Onde está (t felicidade c outras prod:t:cções do seti csplendido genio liliterario*.

Póde haver dia, na feição pronunciada do seu talento, se llic possa cm»parar, mas levar-lhe a pal:na, pensamos que não, e COI)) nosco muita gente sensata, que embora não passe ao papel as itnpressões da sua alma, tem comtudo o gosto (lo bclo na arte, c na litteratura.

Presentemente não vemos surgir no nosso horizonte litterario, quem possa hontbricar com Camillo Caslello Branco. Já (lissetnos que cada escriptor tem a sua feição litlcraria.

O que deixamos escripto, foi ditado pelo nosso sentir, e pela admiração das obras do grande escriptor.

Não vae este modesto escripto engrandecer o notavel romanista, que não precisa elle dos louvores de quem, nem sequer tem a satisfação de o conhecer pessoalmente.

No meio da obscuridade em que vivmnos, e que nos apraz, 110 meio da nossa independencia litlcraria, porque escrevemos apenas para desalTogo do espirito, qitemos prestar este modestissimo preito ao clevado talento de Camillo Castello Branco, como já por mais de uma vez temos feito, enibora em mal traçadas linhas, a alguns dos nossos distinctos hotnens de lcttras, que honram o raiz, que foi lambem o nosso berço.

SOARES itOMEo JUNIOR.